

Revista de Imprensa – 10.04.2020

Revista de Imprensa – 10.04.2020

Revista de Imprensa

1. Covid-19 - Os verdadeiros campeões, Bola (A), 10/04/2020 1

2. Últimas do Covid-19, Bola (A), 10/04/2020 6

3. Andebol - Madeira SAD pondera lay-off ou reduções salariais, Jogo (O), 10/04/2020 7

4. João Jerónimo "Por tudo que já passámos ...", Praticante Online (O), 10/04/2020 8

5. Andebol, Record, 10/04/2020 11

CISION

A BOLA

ID: 85909423

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 1 de 5



desporto

TEMAdoDIA

ANDRÉ ALVES/ASF



BI

MARTA ONOFRE

– Atletismo
– 29 anos
– Recordista nacional de salto à vara ao ar livre e pista coberta; olímpica

D.R.

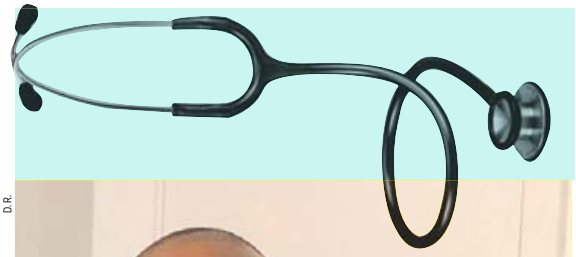


Marta Onofre gostava de ingressar na especialidade a meio tempo, mas aguarda respostas

SNS24 e compras

➔ *Marta Onofre e Francisca Laia travam a luta contra a pandemia à sua maneira*

Com os Jogos de Tóquio na mira das respetivas carreiras no atletismo e na canoagem, Marta Onofre e Francisca Laia não estão a trabalhar na área em que se formaram. Ainda assim, à sua maneira tentam travar a pandemia. «Infelizmente não posso ser mão de obra útil. Terminei a faculdade em 2015 e fiz a pós-graduação em Medicina Desportiva. Só que este seria ano de Jogos e continuo à espera de uma resposta sobre a possibilidade de ingressar na especialidade a meio tempo. Tive reuniões, mas nada de conclusivo», lamentou a recordista nacional da vara que, apesar dos entraves, não parou, criando uma linha SNS24 caseira. «À falta de poder estar no hospital, durante três a quatro horas por dia atendo chamadas, respondo a emails e tiro dúvidas às pessoas que mais próximas, amigos e seus conhecidos», informou a atleta do Sporting, que entre os treinos possíveis «com uma vara dura, numa relvinha», encontra tempo para ajudar quem precisa. «Todos temos avós, tios-avós, pessoas na comu-



NA LINHA

D.R.



Mário Soares é médico fisiatra e completou pós-graduação em Medicina Desportiva

«Perdi uma doente e senti que parte de mim foi com ela»

Muitos são os atletas que, no ativo ou retirados, conciliam desporto e medicina ⊙ Relatos de quem lida com o Covid-19 na profissão e na vida

por CÉLIA LOURENÇO

HABITUADOS a dar o rosto por Portugal, nas pistas de atletismo, nos pavilhões, nos *tatami*, nas piscinas ou qualquer outro palco desportivo, muitos são os atletas que declararam guerra ao Covid-19. Fazem parte do exército de profissionais de saúde que, na respetiva especialidade, trabalham diariamente para salvar os doentes que lhes passam pelas mãos. São humanos e, como tal, não escondem o receio deste adversário invisível. Porém, estão certos de que não é imbatível e que a humanidade vai ganhar o jogo mais importante, o da vida.

Campeão nacional de andebol pelo FC Porto na temporada de 1998/1999, Mário Soares é especialista em Medicina Física e de Reabilitação no Hospital Narciso Ferreira, em Riba d'Ave aparentemente especialidade à qual não se associa o Covid-19, mas o vírus já fez o vimaranense passar pelo maior tormento de um profissional de saúde: a morte de um doente. «Infelizmente, perdi uma paciente com o Covid-19, cujo caso foi sobejamente noticiado através do neto. Era uma senhora de 76 anos que estava perfeitamente bem de saúde. Tinha apenas algumas alterações motoras. Sentiu falta de ar e em quatro dias morreu no Hospital de Braga. Foi uma das primeiras vítimas de contágio em lares. Ninguém esperava tal desfecho», começou por contar o antigo jogador de 42 anos, sem esconder a voz embargada no distanciamento da chamada telefónica.

Naquela paciente que faleceu em quatro dias, Mário Soares sentiu ter perdido uma amiga

«Foi muito difícil para mim *encaixar* a morte desta senhora. Era alguém que estava de saúde, com um potencial de sobrevida de mais dez anos e perde-se uma vida com o vírus no espaço de uma semana. Assusta-me. Lido mais com as sequelas no dia-a-dia de AVC's e acidentes do que com a morte. Com esta doente senti muito, tinha falado com ela há dias. Era uma professora de

CISION

A BOLA

ID: 85909423

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 2 de 5



caseiras

nidade que precisam de ajuda nas compras de supermercado e farmácia. Então faço essas compras e entrego-lhes em casa para evitar que saiam», contou a médica.

A proteção dos mais velhos fez Francisca Laia — pôs a medicina em *stand by* para se dedicar à canoagem — deixar a casa dos pais e mudar-se para a dos avós. «A minha mãe é fisioterapeuta e o meu pai é técnico de radiologia, trabalham ambos no hospital. Chegam a casa e cumprem todos os procedimentos de segurança, mas achei melhor ir para casa dos meus avós, sempre posso dar-lhes uma ajuda, estando em minha casa o risco seria maior para eles. Pensava fazer o ano comum em 2021, passados os Jogos que foram adiados para o próximo ano. A medicina volta a estar adiada. Como não posso ir para o terreno, tento ajudar, sensibilizando família e amigos para os cuidados de proteção e desdramatizando a situação face aos boatos», declarou a canoísta leonina.

Impedidas de exercer, Marta e Francisca ajudam nas compras e com conselhos médicos

D.R.



Francisca Laia deu prioridade aos Jogos Olímpicos e vai ter de voltar a adiar a medicina

ANDRÉ ALVES/ASF



BI

FRANCISCA LAIA

— Canoagem
— 25 anos
— Medalhada em Europeus em K1 e K2 sénior e júnior; duas vezes campeã mundial universitária; olímpica

DA FRENTE



PAULO DUARTE/ASF



Mário Soares foi campeão nacional pelo FC Porto, quando o clube regressou aos títulos ao fim de 31 anos

BI

MÁRIO SOARES

— Andebol (central, retirado)
— 43 anos
— Campeão nacional no FC Porto (1998/1999), jogou ainda no V. Guimarães e ABC; internacional nos escalões jovens

música, cantora lírica. Houve uma parte de mim que foi com ela. Aposto muito na relação com os doentes, foi uma amiga que perdi e com ela tive o primeiro choque com o Covid-19», admitiu Mário Soares.

Disposto a ir para a «linha da frente, se houver requisição civil», o antigo jogador, que passou pelo V. Guimarães e ABC, viu a promissora carreira esfumar-se numa lesão grave do joelho aos 21 anos. Dedicou-se à tradição familiar na medicina e, atualmente, atua na unidade de cuidados continuados do hospital em Riba d'Ave, que pertence à St.ª Casa da Misericórdia, e no Hospital Trofa Saúde. «Trabalho numa área de grande fragilidade, são mais de 70 pessoas e se o vírus entra lá, vai ser dramático. Há um momento em que sentimos a dor da perda, depois aprendemos a ser racionais. Temos que decidir e separar a emoção da razão. Ainda assim, precisamos daqueles cinco minutos para nos isolamos. Aí é importante sentirmos a dor, sermos humanos.»

«Cresci no hospital», brinca. «Especializei-me em fisiatria de reabilitação e tenho uma pós-graduação desportiva», explica quem está habituado ao cenário de cuidados intensivos, dos quais agora está mais afastado para evitar risco de contágio. «Atuamos em situações agudas, traumáticas, que exigem intervenção imediata, agora tentamos fazer tratamento em ambulatório. São as diretivas, apesar de as sequelas do Covid-19 poderem ser dramáticas. A atrofia muscular aumenta sem a nossa ação e o sucesso da recuperação fica reduzido», lamenta.

AGENTES TRANSMISSORES

A lembrar a frieza dos números que preveem «70 ou 80 por cento da população ficar infetada», Mário Soares acredita, todavia, o cumprimento das normas vai levar à vitória no apito final. «Se isso acontecer num espaço de dez dias é uma coisa grave, outra é num mês. Aí talvez já consigamos dar conta do recado. Com estas medidas do estado de emergência, tentaremos que a doença se prolongue no tempo, sem picos agudos, evitando o colapso do sistema. Daí a importância de sermos rigorosos. Se assim acontecer, vamos conseguir vencer», afiança, ciente de que a máxima tem de ser preconizada, em primeiro lugar, pelos pares. «Os médicos e profissionais de saúde são das pessoas que mais facilmente transmitem o vírus. Não estamos no grupo de risco no sentido de adoecermos, mas como agente transmissor, daí termos que seguir as diretivas de proteção. Temos de usar máscara, bata, luvas, mas não temos roupa própria... Sempre que tratamos um doente, temos que tirar todo o material e desinfetar-nos com álcool gel, mas não temos viseiras. Apesar das lacunas, acredito que o nosso Sistema Nacional de Saúde é dos melhores do mundo, podia ser mais eficiente, mas é solidário e protege a vida humana, na génese», defendeu, certo que a pandemia «vai deixar mossa».

ANDEBOL É ESCOLA DE VIDA

Mário Soares terminou a carreira desportiva aos 29 anos, mas garante que o andebol foi sua «escola de vida», com princípios aplicados nestas horas de dificuldade. «A prática do desporto ajuda a lidar com a pressão, nas decisões, trabalha-se em equipa. Tudo o que acontece nos hospitais», aponta o antigo andebolista que jogou no FC Gaia e SC Espinho no ocaso dos pavilhões. No entanto, a «importância da integração» que a modalidade lhe ensinou é valor que passa às filhas, Mafalda, de três anos, e Carolina, de oito, o orgulho que lhe anima a voz, trémula quando pensa na distância imposta. «Intercalo as semanas de trabalho com um colega. Em casa, tenho uma zona de sujos, tiro logo a roupa antes de entrar, tomo banho e não há muito contacto as minhas filhas. Tenho que combinar com a minha esposa os horários para ficar com elas, tomo os cuidados todos. A minha mãe, que é enfermeira em Felgueiras, não a vejo há semanas. Não cheguei ao ponto de um colega, que é do Porto, e optou por ir habituar num alojamento local para não pôr os familiares em risco.» Em termos sociais, sustenta, que a humanidade vai «sair mais reforçada». Em termos económicos duvida, mas não perde a esperança. «O sucesso está ao nosso alcance. Depois das guerras há a bonança. Talvez deixemos de ser egoístas e comecemos a pensar como grupo. O andebol ensinou-me isso», finalizou.

CISION

A BOLA

ID: 85909423

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 3 de 5





D.R.

Francisco Belo é lançador do peso e do disco

Desporto vence medicina

Francisco Belo e Pedro Seabra não escondem vontade de estar a combater o vírus

Com sonhos por concretizar no andebol, no caso de Pedro Seabra, ou no atletismo, para Francisco Belo, o desporto ganhou à medicina a curto prazo. «Há um bichinho cá dentro que quer ajudar, muitas vezes grita que quer estar na linha da frente, por outro lado tenho objetivos desportivos. Nem sempre é fácil travar a vontade do coração e o impulso de ajudar», admitiu o lançador do Benfica, que viu a esperança olímpica adiada para 2021. Reconhecendo que a «vida mudou» com a chegada do Covid-19, o internacional do andebol encarnado está parado a nível competitivo, com o Nacional e a Taça EHF, onde o Benfica está invicto na fase de grupos em suspenso, e não esconde vontade de voltar a sentir o ambiente hospitalar. «Estar na linha da frente é uma possibilidade. Existe medo, claro que sim. Não por mim, mas pela família», assume Seabra. Belo dá voz à opinião de que o desporto fornece ferramentas para lidar com o stress dos médicos. «No IPO lembro-me de ter sido escalado para fazer uma história clínica na pediatria. Estava a perguntar ao menino as informações necessárias. E eis que de repente ele olhou para mim e disse: 'Sabe que só sou viver seis meses?!' Depois ainda acrescentou 'quero ir para a escola'». Aquele momento ficou-me de tal forma gravado na memória...», recorda Belo.

ANDRÉ ALVES/ASF



pedro seabra
– Andebol, central
– 29 anos
– Taça Challenge: 2009/10 (Sporting) e 2015/16 (ABC); Liga Portuguesa em 2015/16 (ABC); Supertaça ABC (2015) e Benfica (2018); Taça de Portugal: ABC (2014/15, 2016/17), Benfica (2017/18)

PAULO COSTA DIAS/ASF



francisco belo
– Atletismo, peso
– 29 anos
– 1.º Taça da Europa de Lançamentos (peso, 2019); 1.º Universíadas (peso); Recordista nacional do disco (pista coberta)

por CÉLIA LOURENÇO

«Temos a sensação objetiva de salvar vidas»

Ana Francisco (natação) lida com casos mais graves na UCI do São José
João Diogo (râguebi) isolado após contacto com infetado



Ana Francisco foi olímpica nas piscinas, mas agora é nos cuidados intensivos que vê o encanto de ser médica

UNIDADE de Cuidados Intensivos. Só o nome faz tremer o comum dos mortais. Não a quem lá trabalha há uma década, caso de Ana Francisca, outrora menina prodígio das piscinas nacionais, que fala de «encantos» na profissão de médica internista e intensivista. «Apesar de lidarmos todos os dias com a morte, temos a sensação objetiva de salvar vidas», resume a antiga nadadora olímpica, de 39 anos, que vive diariamente entre o binómio da vida e da morte na UCI do Hospital de São José, em Lisboa. «São momentos que compensam todos os outros mais negros com que temos de lidar. É uma área com encantos, só dispensava vivê-lo numa pandemia», resume a médica sem perder o bom humor, tão pouco a esperança ou o pragmatismo.

«Neste momento, estamos a receber, tal como no Curry Cabral, doentes Covid-19. São doentes que chegam em estado muito grave e precisam ser ventilados. No fundo, não é diferente ao que estamos habituados no nosso dia a dia. Aqui a grande diferença reside na grande proteção que temos de usar», desmistifica a antiga mariposista da SFUAP, reconhecendo, todavia, que o facto de estar perante um vírus pandémico «causa mais ansiedade por não saber o que aí vem».

«O contacto regular que temos com os pacientes nos cuidados intensivos é semelhante, o que é mais cansativo, confesso, é este veste e despe constante, mas necessário, para nos protegermos. Estarmos horas a suar com os fatos vestidos», lamenta sem pudor.

Com discurso positivo, Ana Francisco encara com naturalidade as horas a mais que tem trabalhado desde que novo coronavírus deixou o mundo virado do avesso. «O contacto com a morte é algo regular. Também já perdemos doentes com Covid-19, mas não mais do que é habitual na unidade com outras patologias», especifica, sublinhando ter tido casos que fazem a o trabalho valer a pena. «Já tivemos pessoas recuperadas, atenção, não estão curados, mas deixaram de precisar do ventilador. São pequenas vitórias, porque o caminho pela frente ainda é grande, mas já é positivo», sublinha, referindo receber pacientes de todas as idades, sendo que os mais novos têm outras patologias associadas e que o «risco é tanto maior quanto a idade» do paciente.

«Até à data não nos tem faltado material de proteção pessoal, nem ventiladores», ressalva a antiga atleta de Almada, agora com mais horas dedicadas à causa. «Trabalho mais horas, são entre 40 a 60 horas semanais, mas o que importa é dar resposta e estar presente caso algum colega adoeça, felizmente algo que ainda não aconteceu», reforça a especialista que, apesar da leveza com que fala do tema, não esconde precisar de «desligar» do tema Covid-19. «Quando saio do hospital tem de ser. Por norma, é fácil fazê-lo porque não ouço falar sobre o meu trabalho na televisão, rádio e em todo o lado. Neste caso, faço o esforço para bem da minha sanidade mental», confessa. «É verdade que estou afastada da minha família e amigos, que estão mais preocupados do que eu, sinto saudades, mas esta é a minha profissão, já convivo com estas situações, não de pandemia, é verdade, há dez anos. Tenho esperança de que tudo vai acabar mais cedo do que o previsto. Os portugueses estão a portar-se bem, desde que continuem a ficar em casa», aplaudiu.

Ana Francisco descreve como «pequenas vitórias» ter pacientes a deixar o ventilador

CONTACTO E ISOLAMENTO

Nem só os profissionais de saúde na linha da frente correm riscos. João Diogo, jogador de râguebi da Académica e interno de fisiatria no Centro de Reabilitação da Região Centro-Rovisco Pais, ficou confinado ao quarto, após contactar com um doente Covid-19 numa consulta de reumatologia. «Estava a estagiar no serviço de Reumatologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e consultei com outro colega um paciente que tinha sintomas de estar infetado. Ainda por cima era um senhor sem grandes cuidados, tossia sem pôr o braço à frente... Logo ali calculei que estivesse com Covid-19 e fiquei em alerta. Depois da consulta, desinfetei-me, todo o consultório foi limpo e desinfetado e a última vez que soube do senhor estava nos cuidados intensivos com prognóstico muito reservado», recordou o avançado da Académica, que não foi testado e só soube uma semana mais tarde da condição positiva deste paciente.

«Fiquei sete dias em isolamento, uma semana depois do contacto. Como nesse período não tive sintomas contou uma semana, com a outra que fiquei em casa totalizei os 14 dias de quarentena. Nunca tive sintomas, nem eu nem o outro médico que se encontrava na consulta, mas quando soube do contacto fiquei assustado. Depois consegui ser racional. Pensei



João Diogo ficou confinado ao quarto; a comida era deixada no tabuleiro à porta

D.R.

CISION

A BOLA

ID: 85909423

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 4 de 5



D.R.



NANA PHOTO 18



BI

JOÃO DIOGO

– Râguebi
– 26 anos
– Centro na AAC Rugby

ASF



BI

ANA FRANCISCO

– Natação
– 39 anos
– Olímpica nos Jogos de Atlanta-1996, antiga recordista nacional de mariposa

que não faço parte do grupo de risco. Tenho 26 anos, o meu maior medo era mesmo transmitir aos meus pais e avós», admitiu João Diogo. «Impus logo regras em casa, pois vivo com os meus pais. Isolei-me no quarto, a minha mãe levava-me as refeições num tabuleiro, que deixava à porta, e ia-se embora. Apanhava o tabuleiro, voltava ao quarto, comia e depois lá voltava a minha mãe para levá-lo e desinfetar tudo. Ninguém entrava no quarto, tenho casa de banho própria, o que também ajudou. Tivemos todos os cuidados, tanto mais que vivemos numa zona que é um dos epicentros do vírus», ressalvou o jogador, precavido mal se ouviu falar da pandemia. «Já tinha antecipado as medidas. Aqui em casa são levadas muito a sério. As mãos já eram lavadas e desinfetadas várias vezes ao dia, mantemos a distância de um ou dois metros uns dos outros e o almoço com os avós ao domingo por agora está suspenso», exemplifica.

À espera de ser chamado para a linha de apoio criada pelo Bastonário da Ordem, o centro admite estar a «viver a calma antes da tempestade», pois defende que momentos difíceis se avizinham. «Penso que nos próximos meses, ainda vamos passar por muitas mortes. Já contactei com ela, mas nunca estamos preparados. Agora sinto-me à espera de ir para a guerra», descreve João Diogo. «Apreensão resume o meu estado de espírito. Não só por esta guerra, mas pelo reflexo que tudo isto vai ter na economia. Vai pesar tanto ou mais do que a morte», finaliza.

Pais e médicos de família

Ana Rente, Leila Marques e Diogo Lima relatam vivências e receios do trabalho em Centros de Saúde

É ao médico de família que a maior parte dos doentes recorre para fazer face aos primeiros sintomas e às longas esperas por uma resposta da linha SNS24. Leila Marques, antiga nadadora paralímpica, Ana Rente, que brilhou nos trampolins, e Diogo Lima, que tinha os ippons do judo a arma mais forte, estão, pois, entre os rostos que, nos centros de saúde, acodem aos mais aflitos. Quando no final do dia são eles próprios que voltam a casa, de coração apertado, com receio de um eventual contágio dos seus.

«O meu pequenote já tem um ano, voltei de licença há cinco meses e meio. Estar de volta ao serviço faz-me sentir um pouco a pessoa que era, deixei de ser só a mãe», começou por contar Ana Rente, médica na UCSP dos Olivais, cujo edifício foi adaptado para fazer frente à pandemia. «Tem dois pisos, no de baixo concentraram tudo o que é prioritário. É o piso dos sujos, onde as pessoas são triadas. Se forem considerados suspeitos de Covid-19 seguem a via adequada. O piso de cima, que tem uma entrada direta e é considerado o limpo, destina-se aos outros serviços prestados, como atendimento a grávidas e crianças», explica a antiga ginasta. «Diariamente recebemos perto de 30 pessoas com problemas respiratórios. Não é suposto irem ao Centro de Saúde, exceto quando é a SNS24 a encaminhá-los. Se a situação está controlada devem ficar em casa. Mas a população dos Olivais é envelhecida, coitados se começam a tossir entram em pânico e acabam por pôr toda a gente em risco», relata.

DOS SINTOMAS À HABITABILIDADE

Algo aliviada pelo adiamento dos Jogos de Tóquio para 2021, Leila Marques, que será chefe de missão dos Jogos Paralímpicos, vai assim continuar a «exercer os cuidados primários» no USF Loures Saudável. «Observamos e orientamos os suspeitos do Covid-19. Por telefone ou presencialmente, mantemos o doente sob vigilância. Em casos graves, é encaminhado para o Hospital Beatriz Ângelo», explica a quatro vezes nadadora paralímpica, cujo papel social é tão relevante quanto o de médica. «Há muitas coisas a ter em conta na avaliação. As condições de habitabilidade do doente, para saber se é possível fazer o isolamento em casa, se tem meios próprios para se deslocar até ao local da colheita para o teste. A lista é extensa. Além dos positivos, ainda há aquelas situações dúbias, que têm de ser vigiados, e os outros utentes de patologias não Covid», explica, lamentando o insuficiente material de proteção dos profissionais. «Estamos mais expostos. Muitas vezes, temos que esperar que o material chegue», aponta a médica que, ao fim de 12 horas, volta a casa de coração apertado.

D.R.



Ana Rente receia levar vírus para casa

D.R.



Leila Marques lamenta falta de material

RUI RAIMUNDO/ASF



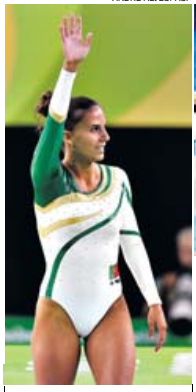
Espanha e Itália são lições para Diogo Lima

RECEIO DE UM POSITIVO EM CASA

«Cumpro o ritual de separar a roupa e enfiar-me no duche. Até porque na sala, tenho a minha filha confinada, porque alguém na escola dela acusou positivo», aponta Leila, cujas preocupações são partilhadas por Ana Rente. «Lido com a preocupação de saber que se acontecer alguma coisa, terei sido eu a levar o vírus. O pai fica com ela em casa. Tenho todos os cuidados e mais alguns quando chego a casa. Com um bebé de um ano, é difícil não dar beijinhos e abraços, mas evito», aponta a antiga atleta dos trampolins.

Diogo Lima também reconhece ser grande o desafio de «gerir quatro miúdos em casa, com aulas *online*» e ainda a prática como médico de clínica geral no Centro de Saúde da Lapa. «É transversal a todos a ansiedade e o receio perante este vírus. As probabilidades de o apanharmos é grande, por muitos cuidados que tenhamos. A falta de material de que se fala é verdade, cruzo-me com casos suspeitos e tenho que ter todos os cuidados para não trazer um eventual positivo para casa», lembrou o médico de família que dedica 60 horas por semana a esta guerra. «Recebemos diariamente informação. Nenhum de nós foi treinado para isto, nem mesmo para lidar com a morte todos os dias. Espero que continuemos longe da rutura e que tenhamos aprendido com os exemplos de Espanha e Itália», rematou.

ANDRÉ ALVES/ASF



ANA RENTE
– Trampolim acrobático
– 31 anos
– Medalha de bronze nos Europeus Baku (2015)

D.R.



LEILA MARQUES
– Natação adaptada (retirada desde 2008)
– 38 anos
– Participações nos Jogos Paralímpicos de Atlanta-1996, Sydney-2000, Atenas-2004 e Pequim-2008; Chefe de Missão aos Jogos Paralímpicos Tóquio-2021

MIGUEL NUNES/ASF



DIOGO LIMA
– Judo
– 37 anos
– 7.º lugar no Europeu (-81 kg); pódios em Taças do Mundo; ouro nos Jogos da Lusofonia de 2014

CISION

A BOLA

ID: 85909423

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 21,43 x 29,58 cm²
Corte: 5 de 5



SEX 10 ABR 2020 | Diário. Ano LXXVI. N.º 16.897 Preço € 1,20 (IVA a 6%) Portugal continental | fundadores CÂNDIDO DE OLIVEIRA, RIBEIRO DOS REIS e VICENTE DE MELO | diretor VÍTOR SERPA | www.abola.pt

A BOLA



benfica

OS SEGREDOS DO 'SCOUT' DAS ÁGUIAS



Pedro Ferreira lidera o departamento e explica como são identificados potenciais reforços

p. 16 e 17

sporting

TODOS OS JOGADORES ESTÃO NO MERCADO

Nenhum elemento do plantel é visto pela SAD como intransferível

Coates, Acuña e Wendel são aqueles que têm mais pretendentes

William Carvalho pode render mais €6 milhões

Leicester e Mónaco querem médio do Bétis

Leão tem direito a 25 por cento

p. 18 e 19

FC Porto

MEIA EUROPA ATRÁS DE CORONA



Mexicano tem muitos interessados e preço está definido

Nélson Puga salvou-me a vida

CASILLAS recorda o momento em que sofreu um enfarte

p. 20 e 21

CISION

A BOLA

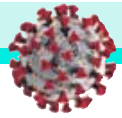
ID: 85909402

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 11
Cores: Cor
Área: 5,17 x 30,20 cm²
Corte: 1 de 1





ÚLTIMAS DO COVID-19

- **BASQUETEBOL.** Adiado para 2022 (1 a 18 de setembro) o Europeu masculino de 2021 (17 de agosto a 1 de setembro) na Itália Alemanha, Geórgia e República Checa, devido à nova data dos JO de Tóquio-2020 em 2021 (23 julho a 8 agosto). Inalterado permanece o Europeu feminino (17 a 27 de junho de 2021) em França. Em Portugal a FPB mantém interesse em organizar o Europeu feminino sub 16 em 2021, após a decisão da FIBA Europa de cancelar todos os Europeus jovens em 2020.
- **VOLEIBOL.** A federação italiana deu ontem por concluída a temporada 2020/21 em todas as categorias, sem atribuir títulos e sem aplicar o regime de subidas e descidas de divisão. O Lube Civitanova liderava o campeonato com mais um ponto que o Modena e menos um jogo. A Covid-19 roubou a vida a mais de 17 mil pessoas no país.

EBAY



Bicicleta já vale €14.600 no ebay

- **CICLISMO.** O antigo corredor Alberto Contador decidiu leiloar a bicicleta com que correu o Giro e o Tour em 2011. O leilão da bicicleta marca Specialized S-Works de cor branca, começou com um lance de €2.500, atingindo ontem ao principio da noite o valor de €14.600, através da plataforma ebay. «Tudo o que conseguir angariar será oferecido à Cruz Vermelha espanhola», declarou o corredor madrileno. F. E.
- **ANDEBOL.** A federação do Luxemburgo deu por terminado o campeonato e declarou campeão o Esch, que liderava a prova. Hugo Figueira, guarda-redes português do clube, escreveu nas redes sociais que «é uma sensação agridoce» devido à pandemia.
- **NBA.** Os jogadores da Liga norte-americana de basquetebol (NBA) vão receber os salários na totalidade a 15 de abril, apesar de a competição estar suspensa há cerca de um mês, face à pandemia da covid-19, revelou hoje o organismo. A NBA e a Associação Nacional de Jogadores de Basquetebol estão a dialogar há várias semanas sobre eventuais reduções nos vencimentos dos atletas.

CISION

ID: 85914242

O JOGO

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 6,28 x 4,89 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL MADEIRA SAD PONDERA LAY-OFF OU REDUÇÕES SALARIAIS

O presidente do Madeira SAD, Carlos Pereira, revelou a O JOGO estar a ponderar a redução salarial ou o lay-off no conjunto madeirense. "Ainda estamos à espera do comunicado oficial da federação, para saber o que irá acontecer nas competições de andebol e tomarmos uma decisão. Mas o lay-off ou a redução dos salários estão a ser ponderados. Todos os cenários são possíveis", frisou. —C.R.

João Jerónimo "Por tudo que já passámos ..."

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	10/04/2020
Meio:	Praticante Online (O)	Autores:	Henrique Dias

URL: https://www.opraticante.pt/joao-jeronimo-por-tudo-que-ja-passamos/

João Jerónimo capitão da Seleção Nacional de Andebol em cadeira de rodas acredita revelou que tem tido o dobro dos cuidados na prevenção da pandemia do

Share the post "João Jerónimo "Por tudo que já passámos ...""

FacebookPrint

Atleta do ano Masculino - Modalidade Coletiva
3 Gala de Desporto 2017 Leiria

Aos 32 anos, João Jerónimo carrega no peito a responsabilidade de ser o capitão da Seleção Nacional de Andebol em cadeira de rodas, pela qual se sagrou Campeão Europeu da modalidade em 2018 e vice-campeão no ano seguinte.

Amputado desde os 15 anos de idade, o atleta natural de Leiria revelou, em entrevista, como é que têm sido as rotinas numa altura em que está a cumprir um período de quarentena devido à pandemia da Covid-19.

O erguer troféu Campeão Europeu Andebol Cadeira de Rodas.
Trabalho, esforço e dedicação mais que merecido de todo o trabalho de grupo
João Jerónimo de que forma é que esta situação pode afetar os atletas com limitações físicas?

A nível de carácter físico esta situação da pandemia não me afetou, por aí além, porque sou um amputado, mas acredito que tenha afetado muito mais outros colegas de equipa e de seleção, que são paraplégicos e têm as cadeiras de rodas. Acredito que seja um bocadinho mais difícil para eles uma vez que a mobilidade é mais reduzida do que a minha.

Obviamente tenho alguns constrangimentos ao nível de mobilidade e acessos e outra coisa preponderante é o facto de nós, infelizmente, termos uma ferramenta a mais do que as outras pessoas ditas normais.

Em alguns casos são as canadianas e noutros as cadeiras de rodas, que são mais uma coisa para desinfetar. É uma ferramenta que tem que ser desinfetada constantemente porque é algo que faz parte do nosso corpo, é mais um acessório que nós temos que ter em cuidado por causa deste maldito virus.

Como é que têm sido as suas rotinas? Os cuidados são diferentes dos da maioria das pessoas?

Temos que ter cuidados redobrados, triplicados e por aí fora. Infelizmente é assim. Por exemplo, um frasco de álcool pode durar até duas semanas para a maioria das pessoas enquanto que para nós dura três ou quatro dias.

Aqui em casa, eu e a minha companheira, adotámos algumas medidas que consistem em despirmo-

nos logo na entrada e procedemos à desinfeção das canadianas automaticamente.

Imaginando os colegas em cadeira de rodas acredita que as dificuldades sejam muito maiores, principalmente para aqueles que são independentes e vivem sozinhos.

Neste período de quarentena como têm sido os seus treinos?

Agora só temos uma opção que é treinar em casa. Nós como treinamos com a cadeira de rodas e em casa o espaço não o suficiente para treinar com a cadeira, já estou a adotar algumas estratégias.

Pratico algum cardio de manhã na bicicleta e depois à tarde acabo por praticar um treino mais intensivo e complemento os meus treinos com o Crossfit, que já fazia. E tenho feito os exercícios cá em casa duas vezes por dia.

A nossa marcha é na cadeira e por isso estou a criar com um colega meu, que é engenheiro, uma plataforma para colocar cá em casa que é um tapete para a cadeira rodar sobre ele. Isto de maneira a que evite perder esse trabalho específico do meu desporto que é o mais importante para nós.

Foto: Photo Mumentus
Acha que pode afetar, de certa forma, a parte física e mental dos atletas?

A nível físico e de performance, acredito que esta situação de pandemia vá trazer algumas dificuldades. O treino não é o mesmo, a intensidade e a exigência também não e se calhar muitos dos colegas que praticam, andebol em cadeira de rodas acabam por utilizar mais o sofá como ferramenta.

Acredito plenamente que eu e outros não o façam, mas acredito que outros acabem por cair um pouco nessa rotina o que pode prejudicar a modalidade, no global.

Em termos competitivos, que efeitos práticos está a ter esta pandemia?

Infelizmente a época desportiva vai dar uma volta muito grande. Nós tínhamos um estágio agendado para a segunda semana de março, no Luso, que foi cancelado por causa desta situação, temos o Campeonato da Europa em novembro, na Suécia - que eu acredito que não irá realizar-se mas espero o contrário e que isto dê uma volta grande e nós consigamos participar.

Ainda não sabemos como será o desfecho dos campeonatos mas, se eu pudesse decidir, jogava até às 22h para terminar o campeonato (risos). Não é fácil e tenho a certeza que esta situação toda esteja a ser uma dor de cabeça para a nossa Federação e para as outras Federações dos outros desportos.

Mas uma coisa é certa, decisões têm que ser tomadas. Nem todos vão concordar mas há decisões chatas que têm que ser tomadas em prol do futuro das modalidades.

João Jerónimo
João Jerónimo como é que, como capitão da Seleção Nacional, olha para esta situação?

Como todos nós já passámos situações menos boas na vida, acredito que vamos encarar isto como mais um desafio. Por tudo que eu e os meus colegas já passámos e ultrapassámos, não acredito que seja este vírus a deitar-nos a baixo, bem pelo contrário.

Iremos atar com mais força e acredito que estaremos nos lugares cimeiros nos próximos Campeonatos da Europa. Não tenho qualquer dúvida disso.

O grupo de trabalho é muito forte, coeso e unido, temos uma equipa técnica fantástica que puxa imenso por nós e em nome de todo o grupo de trabalho só posso dizer para as pessoas esperarem bons resultados por parte de Portugal.

Eu costumo dizer muitas vezes isto: Eu que sou capitão da nossa Seleção, nomeado pelos meus colegas já há alguns anos, não tomo este discurso otimista à espera de moralismos.

Tenho este discurso porque tenho noção das coisas. Quem vê os nossos jogos, quem conhece o grupo e quem está por dentro das coisas sabe que nós somos uns lutadores - bem como as seleções dos outros escalões - e acredito que todos que vestem a camisola do nosso país estão lá com unhas e dentes para trabalhar e trazer os melhores resultados para nós.

Página do João Jerónimo.

Texto: Federação Portuguesa de Andebol

Share the post "João Jerónimo "Por tudo que já passámos ...""

FacebookPrint

Henrique Dias

CISION

Record

ID: 85912324

10-04-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 4,89 x 3,28 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL. Blaz Janc, internacional esloveno do Kielce que já assinou pelo Barcelona, afirmou que se a final four da Liga dos Campeões se disputar em agosto e se a formação polaca se qualificar, então jogará pela atual equipa.